

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 25
(JUL-DEZ)
2016
PP. 323-329.

**MATEMÁTICA, AUTOFIÇÃO E FICCIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA: ENTREVISTA
COM JACQUES FUX**

MATHEMATICS, AUTOFICTION AND THE FICTIONALIZATION OF HISTORY: INTERVIEW
WITH JACQUES FUX

VITOR CEI SANTOS

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professor da Universidade Federal de Rondônia
vitorcei@gmail.com

RESUMO: Jacques Fux nasceu em Belo Horizonte em 1977. Possui graduação em Matemática, mestrado em Ciência da Computação e doutorado em Estudos Literários pela UFMG, doutorado em Langue et littérature françaises pela Université Charles-de-Gaulle – Lille 3 e pós-doutorado por UFMG, UNICAMP e Harvard University. Considerado uma das vozes mais marcantes da ficção brasileira contemporânea, Jacques ganhou o Prêmio Capes de Melhor Tese de Letra/Linguística do Brasil em 2010 e venceu o Prêmio São Paulo de Literatura em 2013 com seu primeiro romance, *Antiterapias. Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor* (Rocco, 2015), recebeu Menção Honrosa no Prêmio Cidade de Belo Horizonte. *Meshugá: um romance sobre a loucura* (José Olympio, 2016) recebeu o Prêmio Manaus de Literatura 2016. Em entrevista exclusiva concedida em maio de 2016 (com exceção da última pergunta, respondida em dezembro), Fux explica a conexão entre matemática e literatura, comenta sobre seu processo criativo, avalia a recepção de sua obra e embaralha as fronteiras entre ficção e história.

PALAVRAS-CHAVE: Autoficção. Ficção. História.

ABSTRACT: Jacques Fux was born in Belo Horizonte in 1977. He received his Ph.D. in Comparative Literature from UFMG and doctorate in Langue, Littérature et Civilisation Françaises from the Université de Lille 3, his Master's degree in Computer Science and bachelor's degree in Mathematics from UFMG. *He was Postdoctoral Fellow* at UFMG, UNICAMP and Harvard University. Considered one of the most remarkable voices in contemporary Brazilian literature, he was awarded with the literary prize Prêmio São Paulo de Literatura 2013 for the book *Antitherapies*. Awarded with Prêmio Capes, in 2010, for best Brazilian thesis in the area of Linguistics and Literature. *Turn-offs: sex confessions of a young writer* (Rocco, 2015) received Honorable Mention in the prize Prêmio Cidade de Belo Horizonte. *Meshuga* (José Olympio, 2016) received the prize Prêmio Manaus de Literatura 2016. In an exclusive interview granted in May 2016 (with the exception of the last question answered in December), Fux explains the connection between mathematics and literature, comment on his creative process, evaluates the reception of his work and shuffles the boundaries between fiction and history.

KEYWORDS: Autofiction. Fiction. History.

Vitor Cei (V.C.): Jacques, você é graduado em matemática, com mestrado em ciência da computação e doutorado em literatura comparada, que são áreas bem distintas. Como

você estabeleceu essa conexão entre a matemática e a literatura?

Jacques Fux (J.F.): Eu sempre gostei de ler, e um dos meus grandes 'heróis' literários era o escritor argentino Jorge Luis Borges. Eu lia seus textos, não entendia nada, mas adorava os mundos, as lógicas e os paradoxos que ele inventava e recriava. E eu sempre desconfiei que ele usava conceitos matemáticos em seus trabalhos. Até que um dia tomei coragem e resolvi fazer uma disciplina eletiva na pós-graduação em estudos literários. E foi uma alegria! Descobri que o mundo poderia ser bem maior e mais encantado do que aquelas notas horríveis que eu sempre tirava em matemática. Nessa disciplina também conheci o grupo de escritores e matemáticos franceses – Oulipo! Li pela primeira vez Georges Perec (não entendi nada), mas me apaixonei. E percebi que poderia continuar brincando com matemática de uma forma mais leve através da literatura desses grandes autores.

(V.C.) Qual o procedimento para a criação de suas obras literárias? Fale um pouco sobre o seu processo criativo.

(J.F.) Quando eu decido escrever sobre algum tema, pesquiso muito. Leio teses, artigos científicos e livros de ficção e não ficção sobre o assunto. Algumas vezes converso com amigos para saber se eles têm referências e sugestões. Aí começo a escrever com uma ideia crua do que vai ser o livro. O mais legal é que, mesmo tendo um projeto, mesmo com diversas anotações e com uma estrutura (matemática) bem engendrada, não há muito controle de nada. O livro vai caminhando por veredas inimagináveis... algumas ideias não dão certo, outras ficam horríveis, muitas dão até vergonha. Em vários momentos sinto que está péssimo, que é necessário escrever de novo, jogar tudo fora. E aí o livro vai surgindo, bem diferente do que tinha imaginado. Essa é a beleza (e o sofrimento) da literatura.

(V.C.) Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se considerou escritor?

(J.F.) Lancei minha primeira ficção em 2012. *Antiterapias* surgiu das ideias teóricas estudadas durante meu doutorado, e acreditava que partindo desse novo conhecimento poderia trazer algo

diferente na literatura. Após a escrita do livro, e me ludibriando, sonhando e torcendo para que meu texto tivesse algum valor literário, fui em busca de editoras. Momento terrível, já que a maioria delas nunca me respondeu. Isso dá uma desanimada e uma raiva danada! Mas eu continuei tentando, e resolvi publicar o livro numa editora independente, que cobra, e muito, pelos seus sonhos e desejos. Depois do livro ser publicado, e ninguém ler, já que a distribuição dessas editoras é bem pequena e talvez só seus amigos próximos tenham tido acesso ao livro, você fica sem saber se seu livro é bom, se pode continuar tentando escrever. Aí você sofre ainda mais. Como nunca desisti, e acho que nunca desistirei, inscrevi minha ficção em todos os concursos literários e acabei ganhando, talvez, o maior de todos. Foi uma imensa alegria! Esse prêmio me possibilitou ser lido, procurar uma editora maior para publicar meus novos textos, e me chamar (e começar a me enxergar) como um escritor debutante.

(V.C.) No jornal *O Globo*, do 10/01/2014, o escritor e editor Mario Alex Rosa afirmou que em seu livro *Antiterapias* você se apropria de textos de outros escritores, mantendo o

domínio da autoficção. Seu último trabalho, o livro *Brochadas*, segue a mesma lógica, ou seja, mantém influência de outros textos no domínio desse processo de escrita? Se sim, quais são eles?

(J.F.) Essa questão da ‘apropriação’ é um recurso literário já usado por Borges, Perce e muitos outros. Com a utilização de outros textos, eu imagino criar uma cadeia, uma rede, um entrelaçamento entre obras, autores e ideias que enriqueceriam meu texto. O *Brochadas* é repleto de citações, invenções e adulterações de filosofias, momentos históricos, biográficos e literários de inúmeros escritores. Quanto mais você perscrutar, mais e mais vai descobrir as brochadas, falhas e impotências da literatura francesa, inglesa, argentina, brasileira e judaica com quem o livro dialoga.

(V.C.) O seu novo livro, *Brochadas: confissões sexuais e invenções literárias* é considerado um romance ousado. E como você define essa obra?

(J.F.) Acho que falar sobre um tabu é sempre complicado e delicado. É algo que atinge a virilidade e a vergonha do homem,

e incomoda bastante as mulheres também. Por isso, apesar de normal e comum, é um pouco ‘ousado’ enfrentar e encarar tal ‘limitação’. Além disso, o livro apresenta uma pesquisa grande e profunda sobre o ‘cheiro’ e os desencontros por conta dele, algo extremamente delicado. Há, ainda, uma voz feminina forte, elaborada e sutil, que pretende abalar as estruturas falocêntricas e machistas da nossa comunidade. Definiria como uma obra literária rígida, comprometida, vigorosa, pujante e claramente paradoxal!

(V.C.) Para o homem, na maioria das vezes, assumir que brochou é um tabu, mas seu livro trata de certo modo, de forma cômica esse assunto. O que te deixou tão a vontade para escrever sobre esse assunto?

(J.F.) Acho que meus trabalhos têm algo que ainda é pouco trabalhado na nossa contemporaneidade literária brasileira: humor comprometido com o rigor e com responsabilidade literária e estética. É necessário rir, debochar, depreciar, mas sempre com qualidade, compromisso e obstinação linguística, estrutural e teórica.

Além disso, sou o maior especialista em brochadas teóricas e empíricas do mundo! Isso não é para qualquer um! (Se alguém quiser compartilhar esse meu título, será um grande prazer passar o cajado (mole) para ele/ela)

(V.C.) Após a obra “Antiterapias”, obra pela qual foi premiado, como está a recepção da sua nova obra “Brochadas”?

(J.F.) Como disse, com o prêmio do *Antiterapias*, pude publicar por uma grande editora e começar a ser lido. Mas, mesmo com essa distinção visibilidade, ainda é uma guerra. O *Brochadas* está circulando, foi bem falado, resenhado, discutido, mas ainda quero (ou sonho) com mais. *Brochadas* fala sobre todas as brochadas históricas, literárias, analíticas, mitológicas, religiosas, eruditas e banais, mas o título, acredito, leva a ‘crítica’ a imaginar que é um livro ‘menor’, ‘escrachado’, o que discordo. Mas a recepção está boa sim, os escritores é que nunca estão satisfeitos.

(V.C.) O que você acha dos escritores brasileiros contemporâneos? Ou, afastando a pergunta de nomes

específicos, para pensar a literatura brasileira atual como um todo: o que você vê?

(J.F.) Acho que tem muita gente boa e comprometida escrevendo. Gosto de muitos livros de novos autores que ando lendo. Mas é tudo muito cruel e injusto. Há inúmeros outros fatores para o ‘sucesso’ de um livro e de um escritor. Coisas que não dependem somente da qualidade literária do trabalho.

(V.C.) Você está escrevendo algum novo livro?

(J.F.) Sim. Acabo de finalizar um livro e vamos ver o que será da minha vida! A crise está afetando tudo. A venda de livros diminuiu e, com isso, as editoras estão publicando cada vez menos literatura brasileira contemporânea. Mais uma guerra para tentar vencer.

(V.C.) Você tem alguma sugestão para quem deseja ser escritor?

(J.F.) Ler muito, muito, muito! Ficção, não ficção, artigos, teses, receitas de bolo, bulas de remédio, literatura em línguas que não conhece, autores de quem não gosta, inimigos literários. Ser

bastante cara de pau. Inscrever-se em todos os concursos. Brochar, brochar muito. O tempo todo, mas continuar escrevendo. Só é escritor quem não pode, não é capaz, não tem como desistir, mesmo diante dos fracassos e desilusões diárias.

(V.C.) Após escrever duas obras de autoficção (*Antiterapias* e *Brochadas*), em *Meshugá* você reinventa a vida e a obra de diversas personalidades históricas no intuito de desvelar os mistérios da loucura - especificamente do “judeu louco”. No entanto, por mais que deseje ser fiel à história biográfica e canônica, o narrador ficcionaliza a vida desses personagens e acaba se metamorfoseando em todos eles. Por que embaralhar as fronteiras da ficção e da realidade?

(J.F.) O objetivo é misturar, enganar e trapacear o leitor com fatos biográficos, estudos acadêmicos e com muita ficção. O narrador, ao entrar na cabeça dos seus personagens, quer compreender a loucura. Quer entender um pouco mais dos atos extremos que esses personagens ‘reais’ realizaram. Quer se consubstanciar e se metamorfosear com seus heróis. Essa é a beleza da literatura: as

possibilidades artísticas e infinitas. E o embaralhamento de gêneros, de conceitos e de ideias!

REFERÊNCIAS

FUX, J. **Meshugá**: um romance sobre a loucura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

_____. **Literatura e Matemática**: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o Oulipo. São Paulo: Perspectiva, 2016

_____. **Brochadas**: confissões sexuais de um jovem escritor. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

_____. **Antiterapias**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

_____. **A matemática em Georges Perec e Jorge Luis Borges**: um estudo comparativo. 2010. 249 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

NOTAS

* Entrevista feita com a colaboração das discentes Debora Daiane Batista Viana, Elianeide da Silva Nascimento, Geysse Jaideane Lima de Menezes e Maíssa Guimarães Feliciano, do curso de Letras-Português da UNIR, como atividade da disciplina Literatura em devir.

Recebido em: 08-12-2016

Aprovado em: 08-12-2016

Publicado em: 12-03-2017